

APRENDIZADO DE LÍNGUA INGLESA POR UMA ESTUDANTE CEGA EM CONTEXTO PLURILÍNGUE: lacunas e potencialidades

*ENGLISH LANGUAGE LEARNING BY A BLIND STUDENT IN A
PLURILINGUAL CONTEXT: challenges and opportunities*

SARA EMANUELE HENSCHER (FURB)¹
CAIQUE FERNANDO DA SILVA FISTAROL (FURB)²

Resumo:

O presente trabalho objetiva analisar lacunas e potencialidades que permeiam o processo de aprendizado de língua inglesa vivenciado por uma estudante cega, considerando sua trajetória da Educação Básica ao Ensino Superior. Nesse estudo discute-se como práticas pedagógicas, materiais didáticos e formações docentes influenciam a inclusão de estudantes cegos no ensino de línguas adicionais. Para isso, adota-se uma abordagem qualitativa de natureza autobiográfica, em que a autora utiliza sua própria história de vida como fonte de reflexão e produção de dados, conforme discutem Bogdan e Biklen (1994), Nóvoa e Finger (2010) e Ferrarotti (2010). O referencial teórico também se fundamenta em estudos sobre inclusão e acessibilidade ao ensino de inglês para pessoas cegas, destacando autores como Ferreira (2014), Czarneski (2015), Dantas e Medrado (2012), Silva (2014) e Macêdo (2024). Os resultados evidenciam que o ensino de língua inglesa ainda apresenta desafios significativos para estudantes cegos, como a escassez de materiais adaptados, a predominância de conteúdos visuais e a insuficiência de formações continuadas para docentes. Por outro lado, o estudo identifica potencialidades importantes, como a adaptação criativa de materiais, o uso de recursos táteis, a sensibilidade docente e a compreensão de que não há necessidade de uma metodologia exclusiva para pessoas cegas, mas sim de práticas acessíveis e flexíveis. Conclui-se que a construção de ambientes inclusivos depende tanto de políticas educacionais quanto do compromisso pedagógico dos profissionais de línguas, capazes de reconhecer e valorizar diferentes formas para o acesso de cegos para o aprendizado de línguas.

Palavras-chave: Língua inglesa. Estudante cega. Plurilinguismo. Aprendizagem. Acessibilidade e inclusão.

Abstract: The present study aims to analyze the gaps and potentialities that permeate the process of English language learning experienced by a blind student, considering her trajectory from Basic Education to Higher Education. This study discusses how pedagogical practices, teaching materials, and teacher education influence the inclusion of blind students in the learning of additional languages. To this end, it adopts a qualitative, autobiographical

¹ Licencianda do 4º semestre do curso de Letras – Português e Inglês e bolsista PIBID do subprojeto de Letras, Pedagogia, Dança e Educação Especial da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Email: sehenschel@furb.br.

² Doutorando em Educação pelo PPGE FURB, Blumenau/SC. Professor de Língua Inglesa na Rede Pública Municipal de Ensino de Blumenau. Email: cfsfistarol@furb.br.

approach in which the author uses her own life history as a source of reflection and data production, as discussed by Bogdan and Biklen (1994), Nóvoa and Finger (2010), and Ferrarotti (2010). The theoretical framework is also grounded in studies on inclusion and accessibility in English language teaching for blind individuals, highlighting authors such as Ferreira (2014), Czarneski (2015), Dantas and Medrado (2012), Silva (2014), and Macêdo (2024). The results show that English language teaching still presents significant challenges for blind students, such as the scarcity of adapted materials, the predominance of visual content, and the insufficiency of ongoing teacher training. On the other hand, the study identifies important potentialities, such as the creative adaptation of materials, the use of tactile resources, teacher sensitivity, and the understanding that there is no need for a methodology exclusively designed for blind individuals, but rather for accessible and flexible practices. The study concludes that building inclusive learning environments depends both on educational policies and on the pedagogical commitment of language professionals, who must be able to recognize and value different ways for blind learners to access and engage in language learning.

Keywords: English language. Blind student. Plurilingualism. Learning. Accessibility and inclusion.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, muito se discute sobre o ensino e a aprendizagem de línguas adicionais para diferentes públicos que compõem a sociedade em geral. No entanto, ainda se percebem poucas pesquisas e formações continuadas sobre o ensino e a aprendizagem de *língua inglesa* para pessoas cegas.

Dessa forma, o presente trabalho surge a partir da seguinte pergunta de pesquisa: que potencialidades e lacunas envolvem o processo de aprendizado de língua inglesa quando vivenciado por um estudante cego? A partir desse questionamento autorreflexivo, o objetivo desta pesquisa é analisar potencialidades e lacunas que permeiam o processo de aprendizado de língua inglesa vivenciado por estudantes cegos.

Este estudo fundamenta-se em experiências vivenciadas por uma estudante cega de língua inglesa e acadêmica do curso de Letras – Português/Inglês, ao longo de sua trajetória da Educação Básica à Educação Superior.

O trabalho apresenta relevância pessoal e acadêmica significativas, pois oportuniza à autora e a outros pesquisadores refletirem criticamente sobre os desafios e as potencialidades vivenciados por pessoas cegas durante suas trajetórias escolares e formativas, especialmente

na constituição de futuros profissionais de línguas. Além disso, amplia o acesso a esses conhecimentos tanto na esfera acadêmica quanto na profissional.

Ademais, este estudo se insere na categoria de ensino, pois busca conscientizar os profissionais de línguas adicionais sobre práticas pedagógicas mais equitativas e inclusivas, partindo das potencialidades, lacunas e reflexões que aqui serão discutidas.

Ressalta-se ainda a ausência de documentos orientadores que auxiliem os profissionais de línguas no planejamento e na execução de aulas inclusivas e equitativas voltadas ao público cego.

Por fim, este trabalho está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, são apresentadas e discutidas a pergunta de pesquisa e o objetivo; na seção seguinte, realiza-se uma revisão de literatura a partir de autores que abordam a temática do ensino de *inglês* para pessoas cegas; posteriormente, descrevem-se a metodologia adotada e o contexto da pesquisa; em seguida, procede-se à análise dos dados fundamentada nas obras que sustentam este estudo; e, por fim, são apresentadas as considerações finais.

REVISÃO DE LITERATURA

Os trabalhos que fundamentam o presente estudo foram encontrados em bases de dados acadêmicas, como o Google Acadêmico, a SciELO e a CAPES, a partir da inserção de palavras-chave relacionadas à temática, tais como “aprendizado de língua inglesa para cegos” e “aprendizado em língua inglesa para cegos”. A partir da busca realizada, identificaram-se alguns materiais fora da especificidade do tema, como, por exemplo, o aprendizado do braille por pessoas cegas. Entretanto, a pouca literatura encontrada dentro da temática revela-se de extrema importância, uma vez que descreve de maneira clara e detalhada experiências envolvendo potencialidades e lacunas no que se refere ao ensino de língua inglesa para pessoas cegas, dialogando diretamente com as vivências analisadas neste trabalho, o que possibilita uma reflexão e análise de dados mais contextualizada.

Entre as potencialidades encontradas no tema, destaca-se o fato de não existir uma metodologia específica para o ensino de inglês a alunos cegos, uma vez que, conforme afirma Ferreira (2014, p. 42), “não existe um método de ensino específico para alunos com deficiência visual, pelo que, considera a autora, os professores devem fazer um esforço para

utilizar todos os sentidos no processo de ensino-aprendizagem”. Essa constatação conduz à reflexão sobre a real necessidade da criação de uma metodologia exclusiva para esse público, em vez da adoção de estratégias de adaptação das metodologias já existentes.

Além disso, identifica-se como potencialidade a recorrente tentativa de adaptação de conteúdos envolvendo imagens, elementos muito frequentes no ensino de língua inglesa, principalmente no que diz respeito a exercícios de fixação, conforme também corrobora Czarneski, (2015, p. 37) a partir de um exemplo prático em que "normalmente, os livros de inglês propõem atividades para relacionar as novas palavras com as respectivas figuras, ou então escrever o nome do alimento embaixo delas. Optamos pela tradução: os alunos deveriam traduzir do português para o inglês" (Czarneski, 2015, p. 37).

Outra potencialidade observada refere-se ao uso de materiais táteis como substitutos daqueles acessados visualmente por alunos sem deficiência visual, como destacam que

“a professora reconhece a percepção tátil como instrumento de construção de conhecimento por parte de alunos cegos, o que demonstra o profissionalismo e a sensibilidade da professora, levando-a a produzir material para que eles pudessem sentir, ou seja, explora como seus alunos aprendem” (Dantas e Medrado, 2012, p. 26).

Esse aspecto favorece a integração efetiva e equitativa do aluno cego no ambiente escolar.

No que concerne às lacunas identificadas, destaca-se a escassez de formações continuadas voltadas aos profissionais de línguas, para que compreendam de modo eficaz como tornar suas práticas pedagógicas inclusivas para alunos cegos, como argumenta Macêdo (2024, p. 46) sobre “a necessidade premente de investimento em formação continuada para os professores de Língua Inglesa, visando capacitá-los a lidar de forma eficaz com as necessidades específicas dos alunos com deficiência visual”. Tal apontamento evidencia a necessidade de políticas educacionais mais consistentes que assegurem a formação continuada e o preparo adequado dos professores para lidar com a diversidade em sala de aula.

Observa-se também uma lacuna nos materiais didáticos de língua inglesa, predominantemente compostos por elementos visuais, o que exige maior adaptação para o público com deficiência visual. De acordo com Silva (2014, p. 16),

“o ensino da língua inglesa para alunos deficientes visuais representa um grande desafio para o professor, uma vez que as principais abordagens de ensino de línguas estrangeiras existentes enfatizam o uso da visão. Entretanto, sabemos que nesse contexto é preciso realizar adaptações de métodos, técnicas e materiais normalmente utilizados”.

Essa constatação evidencia a necessidade de repensar práticas pedagógicas que ainda privilegiam recursos visuais, a fim de promover uma aprendizagem verdadeiramente acessível e inclusiva para estudantes cegos.

Diante das potencialidades e lacunas apresentadas, compreende-se a importância de refletir e analisar os dados sob uma perspectiva específica, considerando as experiências de estudantes cegos de língua inglesa e de cursos de Letras. Tal abordagem possibilita a construção de práticas mais críticas, sensíveis e inclusivas no ensino de inglês para pessoas cegas, fundamentadas em vivências reais e em uma compreensão aprofundada do processo de ensino e aprendizagem.

METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa é de natureza qualitativa e tem como base o método autobiográfico. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 48), a pesquisa qualitativa busca compreender o significado que os indivíduos atribuem às suas experiências, o que justifica o uso dessa abordagem em investigações sobre trajetórias pessoais. Nessa perspectiva, “o pesquisador utiliza sua própria história de vida como objeto de estudo, analisando suas experiências, reflexões e aprendizados” (Nóvoa; Finger, 2010, p. 25). Tal escolha metodológica permite compreender o processo de aprendizado da língua inglesa sob a ótica de quem vivencia a deficiência visual, valorizando a subjetividade e o contexto formativo da autora.

O sujeito desta pesquisa é a própria autora, que nasceu prematura de 27 semanas e foi diagnosticada com retinopatia da prematuridade, o que resultou em cegueira total ainda nos primeiros meses de vida. Desde então, sua família buscou terapias que promovessem seu desenvolvimento e autonomia. Aos quatro anos, foi alfabetizada no sistema de leitura e escrita Braille, o que possibilitou acesso mais igualitário aos materiais didáticos e literários. Sua trajetória escolar na Educação Básica ocorreu integralmente em escolas públicas, contando com o apoio essencial do Atendimento Educacional Especializado (AEE), que

garantiu sua participação plena nas aulas. Ainda, no Ensino Médio, iniciou a estudar a língua inglesa em uma escola de idiomas, enfrentando dificuldades relacionadas à adaptação dos materiais e à disponibilidade de escolas dispostas a oferecer um atendimento inclusivo. Atualmente, cursa Letras – Português/Inglês em uma universidade, de forma presencial, e continua seus estudos de inglês com total acessibilidade por meio de aulas particulares. Essa trajetória evidencia o compromisso com a inclusão e a superação de barreiras educacionais, aspectos que se articulam à proposta formativa e reflexiva deste estudo.

Dessa forma, o presente estudo insere-se na perspectiva de pesquisa autobiográfica que caracteriza-se pela valorização das trajetórias individuais como fontes legítimas de conhecimento. Ferrarotti (2010, p. 67) destaca que o método biográfico contribui para a autonomia do sujeito ao possibilitar que ele interprete sua própria história e a relacione com processos sociais mais amplos. Nesse sentido, a escrita de si permite revisitar e ressignificar experiências formativas e profissionais, promovendo novos entendimentos sobre o aprendizado e o ensino de línguas. Trata-se, portanto, de uma metodologia que oferece ao pesquisador a oportunidade de refletir sobre os desafios e potencialidades de sua própria vivência, articulando dimensões pessoais, pedagógicas e sociais.

Por fim, a próxima seção apresentará a análise dos dados produzidos a partir da narrativa da trajetória autobiográfica da autora principal do trabalho. Em virtude dessa característica, essa etapa será redigida em primeira pessoa, buscando preservar a autenticidade das experiências relatadas e o caráter reflexivo que constitui o cerne da pesquisa.

ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, retoma-se a metodologia autobiográfica que orienta a pesquisa, uma vez que o relato das experiências pessoais da autora é o principal meio de análise e interpretação dos dados. Conforme os autores mencionados, a pesquisa qualitativa busca a compreensão do significado atribuído pelas pessoas às suas vivências, o que se alinha à proposta de analisar as lacunas e potencialidades do aprendizado de língua inglesa a partir da própria trajetória de uma estudante cega. A análise está organizada em duas subseções escritas em primeira pessoa: a primeira aborda as lacunas encontradas durante o percurso formativo e a segunda

apresenta as potencialidades percebidas nesse mesmo processo. Em ambas, as reflexões dialogam com os fundamentos teóricos discutidos anteriormente, em especial com Nóvoa e Finger (2010, p. 25) e Ferrarotti (2010, p. 67), que compreendem o método autobiográfico como um espaço de reflexão sobre o próprio processo de formação e sobre os sentidos que emergem da experiência vivida.

Lacunas no processo de aprendizado de Língua Inglesa

Durante minha trajetória como estudante de língua inglesa, encontrei diferentes barreiras que evidenciaram as dificuldades na inclusão de pessoas cegas nesse contexto. Uma das experiências mais marcantes foi a recusa de algumas escolas de idiomas em aceitar minha matrícula, sob o argumento de que não possuíam uma metodologia adequada para atender às minhas necessidades. Essa situação fez com que eu me questionasse se realmente era necessário criar uma metodologia exclusiva para pessoas cegas ou se o essencial seria adaptar os materiais e práticas já existentes para que fossem acessíveis.

O ensino de língua inglesa para cegos ainda apresenta diversos desafios, desde a matrícula até o pleno acesso e aproveitamento das aulas. A oportunidade de inserção em escolas regulares de idiomas ainda se configura como uma barreira significativa para a efetivação de um processo educativo equitativo e justo. Mesmo nos dias atuais, persistem recusas fundamentadas na alegação de que as instituições não possuem uma metodologia adequada para atender pessoas cegas. Entretanto, como afirma Ferreira (2014, p. 42), “não existe um método de ensino específico para alunos com deficiência visual”, o que reforça a ideia de que a adaptação de práticas e recursos pedagógicos já consolidados é o caminho mais viável e inclusivo.

A falta de formações continuadas voltadas aos professores e instituições sobre a inclusão de estudantes com deficiência visual também reforça esse cenário, uma vez que o desconhecimento ainda é uma das principais barreiras à participação plena. Macêdo (2024, p. 46) destaca a necessidade de investimento “em formação continuada para os professores de Língua Inglesa, visando capacitá-los a lidar de forma eficaz com as necessidades específicas dos alunos com deficiência visual”. A ausência dessas formações impacta diretamente a

acessibilidade, limitando o desenvolvimento de práticas pedagógicas que contemplem todos os estudantes.

Outra dificuldade recorrente está na predominância de conteúdos visuais nos materiais didáticos de língua inglesa. Em diversas situações, o professor precisa adaptar as atividades durante a aula, o que torna o processo mais demorado e, por vezes, desigual em relação aos demais alunos. Czarneski (2015, p. 37) vivenciou situação semelhante ao lecionar para alunos cegos e relata que “um problema para a adaptação desses exercícios é o fato do ensino da língua inglesa ser bastante visual, no qual não são raros os momentos em que o professor recorre a imagens para exemplificar o conteúdo”.

Além disso, as práticas de leitura e escrita em língua inglesa ainda carecem de estratégias mais eficazes para estudantes cegos, sobretudo quando estes não dominam o sistema Braille, já que o uso exclusivo de recursos auditivos não favorece o contato direto com a forma escrita da língua. Mantoan (1997) observa que a falta de materiais adaptados pode conduzir o estudante com deficiência visual a um verbalismo, ou seja, à limitação da aprendizagem ao nível oral, sem acesso integral à construção escrita da linguagem. Complementarmente, Macêdo (2024, p. 47) argumenta que, “no contexto de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, isso significa o favorecimento de habilidades (como o *speaking* e o *listening*) em detrimento de outras (*reading* e *writing*), não proporcionando um desenvolvimento integral”.

Essas experiências me permitem compreender que as lacunas encontradas não são apenas individuais, mas refletem um problema mais amplo, ligado à falta de preparo pedagógico e de políticas de acessibilidade na área de ensino de línguas. É necessário que as instituições e os professores repensem suas práticas e encontrem caminhos que garantam a aprendizagem de todos os estudantes, independentemente de suas condições visuais.

Potencialidades no aprendizado de Língua Inglesa

Ao longo da minha trajetória, se foram vivenciadas algumas lacunas, ausências no processo de aprendizagem e formação em língua inglesa, também pude vivenciar diversas potencialidades que mostram ser possível uma inclusão efetiva nas aulas. Uma das descobertas mais importantes foi perceber que não é preciso uma metodologia

completamente nova, mas sim adaptações simples e coerentes que tornem o conteúdo acessível. Essa constatação está em consonância com Ferreira (2014, p. 42), ao afirmar que “não existe um método de ensino específico para alunos com deficiência visual”, reforçando que o essencial é a disposição do professor em adaptar o que já existe.

Professores sensíveis e criativos podem transformar suas práticas por meio de recursos táteis, explicações detalhadas, uso de objetos concretos e tradução pontual de termos quando necessário. Como destaca Macêdo (2024, p. 46), é fundamental o investimento “em formação continuada para os professores de Língua Inglesa, visando capacitá-los a lidar de forma eficaz com as necessidades específicas dos alunos com deficiência visual”. Essas estratégias me mostraram que a acessibilidade está muito mais relacionada à disposição para adaptar do que à criação de algo totalmente diferente.

Lembro-me de uma aula sobre preposições em que a professora construiu um esquema tátil com pequenas peças representando as preposições *in*, *on* e *at*. Essa atividade me ajudou a compreender visualmente por meio do toque o que estava sendo ensinado. Em outra situação, durante uma apresentação de vocabulários sobre os membros da família pela minha turma no curso de Letras, em uma atividade de *microteaching*, as imagens utilizadas foram adaptadas com diferentes texturas e objetos, permitindo que eu reconhecesse cada palavra/imagem por meio do tato. Essas experiências tornaram o aprendizado mais concreto, participativo e significativo, demonstrando que a criatividade docente é um fator essencial para o ensino inclusivo.

Ainda assim, compreendo que o ensino de língua inglesa, de modo geral, permanece bastante visual, o que exige adaptações constantes por parte dos educadores. Czarneski (2015, p. 37) enfatiza que “um problema para a adaptação desses exercícios é o fato do ensino da LI ser bastante visual, no qual não são raros os momentos em que o professor recorre a imagens para exemplificar o conteúdo”. Essa constatação dialoga com minhas vivências e reforça o quanto a acessibilidade depende da criatividade e da intencionalidade pedagógica.

Percebo, portanto, que as potencialidades vivenciadas ao longo dessa trajetória reforçam a importância da empatia, da escuta e da adaptação como caminhos para uma educação de línguas mais equitativa. As experiências que vivi mostram que o processo de

inclusão é construído a partir da sensibilidade e do compromisso dos educadores em reconhecer e valorizar as diferentes formas de aprender. Nesse sentido, Mantoan (1997) alerta que a falta de materiais adaptados pode levar o estudante com deficiência a um verbalismo, o que não integra toda a complexidade de aprender um idioma. Assim, a inclusão em aulas de língua inglesa passa não apenas por recursos e metodologias, mas por uma postura ética e formativa de valorização da diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar potencialidades e lacunas que permeiam o processo de aprendizado de língua inglesa vivenciado por estudantes cegos. Assim, este estudo revela-se de extrema importância, pois leva profissionais de línguas a refletir sobre o ensino da língua inglesa sob diferentes perspectivas, não considerando somente a trajetória, os desafios e as potencialidades vivenciados pela autora deste trabalho, mas tomando essas experiências como base para a compreensão de que cada estudante cego tem suas singularidades, o que consequentemente demanda diferentes recursos de acessibilidade para a efetivação da acessibilidade no ensino de línguas para cada sujeito.

Além disso, identifica-se a necessidade de ampliação de estudos de formações continuadas sobre o ensino de línguas para pessoas cegas, a fim de possibilitar aos docentes e profissionais de línguas a reflexão sobre a construção de um espaço verdadeiramente acessível, partindo das diferentes necessidades e possibilidades de adaptação existentes. Com isso, a partir de todo o trabalho realizado, conclui-se que foram trazidas lacunas e potencialidades relativas à temática principal com um olhar para discutir a formação docente nessa área, e não jamais para emitir juízos de valor negativos aos e sobre os profissionais da área, visto que uma das potencialidades percebidas foi a resiliência e a sensibilidade de muitos para tornar a inclusão de aprendizes cegos algo possível dentro das salas de aula de língua inglesa, mesmo com poucos recursos e orientações sobre como ensiná-los.

No entanto, para que os profissionais de línguas se sintam ainda mais preparados para atuar neste contexto de aprendizagem, reitera-se a necessidade de formações iniciais e continuadas mais expressivas para este público, a fim de realmente haver aprendizagem e uma educação de fato inclusiva dentro do ensino de inglês.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CZARNESKI, Denise. **A inclusão de alunos cegos nas aulas de Língua Inglesa**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2015.

DANTAS, Débora; MEDRADO, Benedito. Práticas pedagógicas e inclusão de alunos cegos no ensino de língua inglesa. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 20–29, 2012.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN, 2010. p. 63–73.

FERREIRA, Simone. **A inclusão de alunos com deficiência visual nas aulas de língua inglesa**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

MACÊDO, Dheyse Medeiros. **Percepções de alunos com deficiência visual sobre a inclusão educacional no ensino de Língua Inglesa: uma meta-análise de estudos brasileiros**. 2024. 54 f. Monografia (Graduação em Letras – Língua Inglesa) — Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Litoral Norte, Rio Tinto, 2024.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Integração escolar: inclusão do aluno com deficiência**. São Paulo: Memnon, 1997.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN, 2010.

SILVA, Mara. **O ensino de língua inglesa para alunos com deficiência visual: desafios e estratégias**. Revista Espaço Acadêmico, v. 14, n. 162, p. 11–20, 2014.